

OLHARES SOBRE A ÁFRICA:
*ABORDAGENS DA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DA ÁFRICA NOS LIVROS DIDÁTICOS BRASILEIROS¹*

*Anderson Ribeiro Oliva**
olivaufg@gmail.com

RESUMO: O tratamento concedido à história da África Contemporânea nos livros didáticos da 6ª a 8ª séries do Ensino Fundamental é o objeto principal do presente artigo. O enfoque eleito e as questões levantadas articulam-se em torno de duas reflexões centrais: o quanto os textos, imagens e interpretações apresentadas pelos livros escolares divergem ou convergem em relação ao chamado imaginário brasileiro construído sobre a África e os africanos; e o quanto eles dialogam, ou não, com a produção historiográfica sobre a África. Observamos de uma forma geral a existência de uma análise superficial das trajetórias recentes dos países e sociedades africanas e uma repetição das representações e estereótipos divulgados sobre o continente no imaginário ocidental.

PALAVRAS-CHAVE: História da África Contemporânea; livros didáticos; ensino de história africana.

Os últimos anos foram marcados por alguns produtivos e intensos debates envolvendo o ensino da história africana. Se, por um lado, é certo que a Lei 10639/03 foi uma das forças dinâmicas desse processo, defendo também que o aumento das investigações e do número de especialistas em História da África no Brasil responda por parcela significativa das atividades e investigações ocorridas ou em execução.

Como resultado desse casamento de fatores, percebemos uma positiva tendência de criação de políticas e de práticas acerca da temática, entre as quais podemos citar: publicação de artigos, livros, dissertações e teses - frutos das pesquisas desenvolvidas pelos africanistas² brasileiros e de estudos clássicos da historiografia internacional especializada em África -, servindo como matéria-prima de alta qualidade para referenciar as atividades de ensino; a oferta, cada vez mais freqüente, de cursos de extensão, capacitação de professores

* Doutor em História pela UnB. Professor Adjunto da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás.

e especialização com temáticas voltadas à trajetória histórica das sociedades africanas; a ampliação do número de cursos de graduação em História que oferecem, em suas matrizes curriculares, componentes com o foco principal na história da África; a criação de espaços para o debate, divulgação de experiências e para produção de conhecimento, articulando professores universitários e da educação básica, especialistas, estudantes, integrantes dos movimentos sociais organizados e demais interessados (Cf. OLIVA, 2006).

Apesar desse quadro, que revela certo otimismo quando pensamos a questão do tratamento da história africana nas salas de aula, outro importante ingrediente das práticas docentes e do sistema educacional brasileiro parece resistir às mudanças: os livros didáticos. Não ignoramos a densa historiografia que se constituiu em torno do campo do ensino da história do Brasil nos últimos vinte anos e a atenção dedicada por dezenas de autores às reflexões, análises e críticas sobre o uso desse material em nossos bancos escolares³. Infelizmente, não poderemos realizar aqui uma síntese desses trabalhos. Porém, apesar das polêmicas e pontuais intervenções acerca do tema, parece existir um consenso de que, para o mal ou para o bem, os manuais escolares contam com um espaço cada vez mais cativo nos exercícios desenvolvidos em nossas experiências escolares.

Sendo assim, as abordagens acerca dos estudos africanos, presentes ou ausentes nas coleções de livros didáticos de História, aparecem como ingredientes-chaves na composição, transformação e manutenção das referências e imagens que o público escolar constrói sobre aquele continente e suas sociedades. Partindo desses elementos, expliquemos nossas intenções ao abordar o tratamento concedido à história contemporânea da África nos livros didáticos.

Atentando para a construção das representações e imagens sobre os africanos no imaginário⁴ contemporâneo da população brasileira, percebemos um conjunto mais ou menos homogêneo de idéias compartilhadas. A partir dos anos 1980, o ruir dos sonhos africanos de reconstrução, crescimento e organização pós-ocupação colonial - diante das próprias dinâmicas internas do continente e do seu não-lugar na economia mundial do final do século XX - começaram a ocupar um lugar substantivo nos cenários mentais formulados sobre aquele continente (Cf. MUNANGA, 1993, p. 60-69). Nesse mesmo período, os meios de comunicação social começaram a ser bombardeados por imagens dos “flagelos” africanos, principalmente dos conflitos, da miséria e das epidemias. As ondas de fome na Etiópia na década de 80, a longa guerra civil angolana, os golpes de Estado sucessivos em algumas partes do continente, o fim do Apartheid, as epidemias de Aids e malária, o descontrole governamental, a desorganização geral, a corrup-

ção, os massacres de Serra Leoa e os genocídios em Ruanda e no Sudão, ganharam freqüentemente destaque nas páginas de jornais e revistas, nas telas da televisão e nas produções cinematográficas. A partir desse contexto, seria interessante perguntarmos que imagens os brasileiros contemporâneos geram e carregam sobre a África e suas populações. De acordo o historiador Valdemir Zamparoni, as respostas possíveis a essa questão não destoam muito uma das outras:

[...] exótica, terra selvagem, como selvagem são os animais e pessoas que nela habitam: miseráveis, desumanos, que se destroem em sucessivas guerras fratricidas, seres irracionais em meio aos quais assolam doenças devastadoras. Enfim, desumana. (ZAMPARONI, 2004, p. 40)

Essas parecem ser as mais fortes imagens acerca da África circulantes no imaginário coletivo brasileiro do tempo presente. A elas se associam toda a carga negativa da escravidão, do racismo e do desconhecimento da História de África que carregamos. Partindo do princípio que existe uma importante influência do ensino da História na construção de interpretações e representações dos alunos acerca dos seus cotidianos e das diversas realidades que os cercam, buscamos realizar a seguinte análise. Como a História da África, do período que se estende do último quartel do século XIX até os dias atuais, foi tratada nos livros didáticos de História. Entendendo a extensão da proposta apresentada, reservamos nossos olhares às páginas de dez manuais escolares, produzidos entre 1999 e 2002, e destinados a 6^a, 7^a e 8^a séries do Ensino Fundamental.

Acreditamos ser extremamente valioso realizar a análise aqui proposta, buscando avaliar as possíveis impregnações e participações dos manuais didáticos – especificamente sobre o objeto levantado – nas construções ou (des)construções mentais elaboradas pelos nossos estudantes sobre a África. Como estratégia de diálogo com os autores dos manuais, que deverá servir também como uma tentativa de orientar nossos leitores docentes (quando for o caso), procuraremos a cada ponto ou reflexão realizados, apontar algumas referências de leitura ou consultas à historiografia especializada na história africana.

OLHARES SOBRE A ÁFRICA CONTEMPORÂNEA

Antes de iniciarmos nossas incursões pelas páginas dos manuais escolares selecionados permitam-me prestar alguns breves esclarecimentos. Os

resultados aqui apresentados fazem parte da investigação que resultou em minha tese de doutorado, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (Cf. OLIVA, 2007). Na realidade, o percurso seguido por aquele texto foi mais extenso e multifocal, envolvendo uma longa discussão entre as representações elaboradas sobre os africanos no imaginário ocidental e o tratamento concedido à História da África nos livros didáticos brasileiros e portugueses.

Para sistematização de nossas análises, classificamos os assuntos enfocados sobre a história africana dentro de três recortes temático-cronológicos, divididos, por sua vez, em tópicos nos quais associamos as visões dos autores dos manuais acerca de determinados conteúdos aos referenciais formulados por parte da historiografia africanista. Os recortes escolhidos foram os seguintes: “Abordagens da África até o século VII”; “O estudo da história da África entre os séculos VII e XVIII”; “O estudo da história da África entre os séculos XIX e XXI”.

A seleção dos livros analisados nesses tópicos procurou seguir um critério de coesão: a escolha dos volumes pertencentes apenas às coleções de manuais didáticos de História, destinados ao ensino de 5ª a 8ª séries, que possuíam capítulos ou tópicos exclusivos para o tratamento da História Africana.

No presente artigo trabalhar-se-á com o último dos tópicos listados acima, a partir da análise de dez (10) livros, pertencentes a sete (7) coleções diferentes. Como já adiantamos, todos eles – organizados tanto pelo formato de História Integrada como pelo de História Temática⁵ – envolviam recortes cronológicos que abarcavam o final do século XIX ou o século XX. No mais, como um último elemento explicativo, nos vimos estimulados a incluir na análise, para o período correspondente à história contemporânea da África, dois volumes da coleção que recebeu as melhores avaliações do Guia de Livros Didáticos organizado pelo MEC em 2002, sendo recomendada com distinção (Cf. PILLETI; PILLETI, 2002 e 2002a). Dessa forma, eles também se tornaram uns dos manuais mais solicitados e utilizados pelos professores em diversas escolas brasileiras (CASSIANO, 2004, p. 41).

Concluída essa sintética digressão sobre as origens do presente artigo, sinalizamos que as análises do tratamento concedido à história contemporânea da África nos manuais escolares selecionados perseguiram, fundamentalmente, a abordagem de quatro objetos:

- a abordagem dos processos de resistência dos africanos à ocupação colonial do século XIX;
- o tratamento concedido às Independências em África do século XX;

- o estudo das temáticas contemporâneas comumente associadas ao continente: apartheid; subdesenvolvimento; guerras e massacres; tragédias e doenças;
- as imagens veiculadas sobre a história contemporânea da África.

A ABORDAGEM DAS RESISTÊNCIAS AFRICANAS FACE À OCUPAÇÃO COLONIAL

A eleição desse primeiro tópico associa-se à necessidade de visualizarmos o tratamento concedido a um dos momentos mais marcantes da história contemporânea africana. Consultando a historiografia especializada no período, parece existir um consenso de que várias imagens negativas e preconceituosas foram geradas sobre os africanos nesse recorte temporal – primitivos, selvagens, tribais, atrasados, preguiçosos⁶. E, mais do que isso, formatou-se uma equivocada ideia geral de que as sociedades do continente sucumbiram passivamente à ocupação europeia, por serem incapazes de opor resistência efetiva às ações colonialistas. Somando-se a isso, a “conquista ou partilha da África” confirmaria de forma pragmática, pela mesma ótica eurocêntrica, as teorias que justificavam e legitimavam a ação colonizadora de alguns países europeus (HERNANDEZ, 1999, p. 142).

Dessa forma, enfocar o assunto nos manuais escolares é um instrumento importante a ser utilizado para revelar as estratégias de resistência – militar, religiosa, política, cultural, laboral, imaginária - e os movimentos e dinâmicas históricas do período, que contaram com intensa participação das sociedades africanas. Explicitar o papel desempenhado pelos africanos em meio aos interesses e intervenções estrangeiras revelaria aos estudantes e docentes outra face do citado contexto histórico e auxiliaria a desconstruir as ideias equivocadas formuladas anteriormente⁷.

Um primeiro aspecto observado foi de ordem quantitativa. Ou seja, identificamos os manuais que enfocavam ou não a questão. Os resultados obtidos não foram tão negativos, apesar de serem ainda insuficientes. Dos dez manuais, quatro citavam ou tratavam o assunto. Alguns o fizeram de forma bastante superficial, outros procuraram destacar algumas de suas faces diversificadas, demonstrando estar em sintonia com a historiografia recente produzida sobre a temática. Porém, a maioria apresentava informações e abordagens pouco consistentes, além de um reduzido espaço para tratamento.

No manual de Mário Schmidt, *Nova História Crítica, 7ª série*, percebemos que o autor concedeu à questão uma perspectiva marcada por denúncias e argumentos tendenciosos e, em alguns aspectos, equivocados.

Podemos perguntar: o que os povos africanos fizeram diante dessa situação? Ora, resistiram heroicamente. Infelizmente, no entanto, seus escudos e lanças não eram páreo para os fuzis, as metralhadoras e os canhões europeus. A história do domínio colonial foi também a história das brutalidades cometidas pelos colonizadores. Os soldados europeus invadiam as aldeias africanas e incendiavam as casas com os moradores lá dentro mesmo, metralhavam tribos inteiras, torturavam e até amputavam membros dos nativos. (SCHMIDT, 2002, p. 237)

No caso desse manual, os problemas se encontram na classificação das ações históricas - apresentadas em uma escala maniqueísta -, nas imprecisões e generalizações acerca das estratégias e instrumentos adotados pelos africanos na resistência aos europeus, e nas ferramentas de controle e dominação empregadas no continente africano (Cf. OLIVA, 2003, p. 421-462). As ações consideradas violentas e os atos de resistência não podem ser tomados como homogêneos. É preciso que se conceda a eles suas especificidades. Ao mesmo tempo, é conhecido o uso de armas de fogo por vários focos de luta tentados pelos africanos. A idéia transmitida pelo autor, pelo contrário, defende a ideia de que os “tribais” povos africanos resistiram “heroicamente” à agressão dos avançados exércitos europeus. Da mesma forma, não se pode generalizar as brutalidades cometidas em alguns espaços coloniais. As violências existiram, mas é preciso que se realizem estudos de caso mais esclarecedores e pontuais acerca do tema.

Já no livro intitulado *Uma História em Construção, volume 4*, os autores destacam que “a dominação só foi possível devido à superioridade militar europeia”, apresentando argumentos que parecem estar mais ajustados à historiografia sobre o tema (Cf. RANGER, 1991, p. 69-86 e HERNANDEZ, 1999, p. 141-149).

As metralhadoras – a Maxim e a Gatling – foram decisivas para a conquista militar, porque os africanos ofereceram ampla resistência aos invasores. Lutas anticoloniais ocorreram em Bilundu, Angola, Maji-Maji, Serra Leoa, Congo, Uganda e Quênia. Só após sufocar revoltas no Egito em 1876 e em 1882, e no Sudão em 1898, é que os britânicos puderam garantir sua supremacia no norte da África [...]. Só no Sudão mais de 20 mil pessoas morreram em combate. (MACEDO; OLIVEIRA, 1999, p. 127)

No livro de Joelza Ester Rodrigue, *História em Documento: texto e imagem*, 8, que aborda a questão em um tópico com duas páginas (uma só

com imagens), a ênfase sobre os movimentos de resistência destaca alguns dos conflitos que marcaram os anos iniciais do processo de ocupação colonial em África, como os ocorridos “em Serra Leoa, Zimbábue, Angola, Namíbia, Tanzânia, Costa do Marfim, Gana” e o nome de alguns dos líderes africanos, como Gungunhana. Também percebemos a perspectiva de denúncia ou crítica à ação europeia, marcada, de acordo com a autora, pela “opressão”.

[...] tratados com violência, os africanos eram massacrados pelas modernas armas européias. Na primeira década do século XX, a conquista estava praticamente concluída e a África dividida em cerca de quarenta unidades políticas [...]. Outra forma de resistência foram os movimentos religiosos. Muçulmanos, seguidores de cultos africanos e de religiões afro-cristãs chegaram a pegar em armas contra os colonizadores. (RODRIGUE, 2000, p. 54)

Em outro manual, intitulado *O jogo da História*, os autores destacam o papel dos missionários e exploradores europeus na ação de reconhecimento e ocupação do continente africano (CAMPOS et al, 2002, p. 173-175). A abordagem dos movimentos de resistência também se recobre de uma perspectiva dicotômica, já que os autores utilizam o antagonismo entre *brancos x negros*, ao invés da fórmula, *exploradores x explorados*, apresentada nos outros manuais, quando afirmam que “os povos africanos resistiram, fazendo guerra ao branco durante todo o período colonial. [...] cada povo, a sua maneira, resistiu à dominação branca” (CAMPOS et al, 2002, p. 189).

Acerca dos impactos e conseqüências do colonialismo para as sociedades africanas, encontramos em seis dos dez livros uma perspectiva muito parecida. Neste caso, a maioria dos textos está de acordo com as correntes de historiadores que apontavam para o domínio colonial europeu, para o tráfico de escravos e para o racismo, como as principais causas da situação de crise vivenciada atualmente em várias partes do continente (Cf. BOAHEN, 1991, p. 787-811 e MBEMBE, 2001, p. 171-200).

No entanto, uma nova onda de estudos e interpretações tem varrido a historiografia sobre a África, buscando uma visão mais equilibrada sobre o tema. Essas novas interpretações não eximem os europeus da responsabilidade histórica pelas ações em curso na África entre os séculos XIX e XX, mas deixa de ver os africanos apenas como vítimas da História. Sendo assim, muitos historiadores têm chamado a atenção para as próprias responsabilidades africanas sobre suas atuais condições, seja pelas perspectivas das responsabilidades, seja pelas iniciativas a serem tomadas para solucionar

os problemas vivenciados (Cf. LOPES, 1995-1996, p. 69-101). No manual temático intitulado *O jogo da História, 6ª série*, os autores associam diretamente o quadro de problemas vivenciado atualmente na África tanto ao tráfico de escravos como ao colonialismo do século XIX.

No passado, Mama África foi explorada, recortada, colonizada. Hoje é lembrada nos noticiários da tevê por suas tristezas. O coração das riquezas dos europeus no século XIX transformou-se no coração da pobreza dos dias de hoje. O espetáculo de horrores, que começou a ser encenado a partir do século XV, teve seu apogeu do século XIX. E deixou sua herança. (CAMPOS; et al, 2002, p. 181)

Já o texto de Mário Schmidt, *Nova História Crítica, 7ª série*, lista pontualmente os supostos efeitos causados pelo processo de ocupação europeia na África, como a fome e os conflitos entre os africanos que teriam sido provocados pela “invenção” das fronteiras no continente a partir da “partilha” europeia (SCHMIDT, 2002, p. 237). Sua leitura também está equivocada sobre o papel da Conferência de Berlim na divisão da África, já que ela é retratada como o local no qual teria ocorrido literalmente o “fatiamento” do continente.

Em 1885, reuniram-se na cidade de Berlim quatorze nações européias, mais os Estados Unidos, para decidirem o futuro da África. Os homens sérios e elegantes debateram a **partilha da África**. A discussão era neste nível: “Qual país europeu ficará com este território?” “E aquela outra região, de quem será?” “Para que lugar nós transferimos essa aldeia?” O mais interessante é que nenhuma nação africana pôde enviar um representante à reunião. Na **Conferência de Berlim**, [...] eles fatiaram a África como se fosse um enorme presunto e jamais consultaram seus habitantes. (SCHMIDT, 2002, p. 238)

Outros manuais trabalham com uma ideia próxima a essa, pelo menos no que concerne ao papel da Conferência na partilha da África (Cf. MACEDO; OLIVEIRA, 1999 e BONIFAZI; DELLAMONICA, 2002). Tal leitura revela ou demonstra que os autores desconhecem ou discordam das novas interpretações formuladas pela historiografia sobre o tema. Sabemos que existe um interessante debate acerca da questão das fronteiras no continente, tanto em torno da questão conceitual ou dos significados atribuídos às fronteiras pelas sociedades africanas no período anterior à ocupação co-

lonial, como, também, sobre os mecanismos utilizados e os efeitos gerados pela implantação das divisas no período colonial. Da mesma forma, parece ser consenso hoje que a Conferência de Berlim desempenhou uma função menos direta e decisiva acerca da partilha africana, pelo menos ao que se refere à imagem divulgada dos representantes das potências imperialistas fatiando o mapa da África com esquadros e réguas (Cf. DÖPCKE, 1999, p. 78-81 e 93-101; HENRIQUES, 2003).

O único material que demonstra uma aproximação com os novos estudos realizados acerca da temática é o de Flávio de Campos, Lídia Aguilar, Regina Claro e Renan Garcia Miranda, *O jogo da História, 6ª série*. Pelo menos os argumentos apresentados pelos autores se aproximam bastante das ideias defendidas pelo historiador nigeriano Godfrey Uzoigwe de que na Conferência não foram estabelecidas as fronteiras africanas, mas sim as regras para que a ocupação do continente pudesse ocorrer⁸ (UZOIGWE, 1991, p. 52-53).

Nessa conferência foram feitos acordos de distribuição de territórios e estabelecidas as regras de ocupação para as nações européias. Ou seja, cada país europeu tinha de ocupar de fato um território para reivindicá-lo como seu e avisar aos outros interessados. (CAMPOS; et al, 2002, p. 174)

No manual de Nelson Piletti e Claudino Piletti, *História & Vida Integrada, 7ª série*, encontramos também uma abordagem parecida às anteriores, responsabilizando, mesmo que parcialmente, a divisão continental em fronteiras arbitrárias no período colonial pelos vários conflitos ocorridos nas últimas décadas.

A partilha da África foi feita de maneira arbitrária, sem respeitar as características étnicas e culturais de cada povo. Em parte, isso tem contribuído para muitos dos conflitos da atualidade no continente africano. (PILLETI; PILLETI, 2002, p. 185)

Um objeto adequadamente abordado em alguns manuais é a citação do papel das ideologias coloniais e das teses racistas para o desempenho das ações colonialistas desenvolvidas pelos europeus na África. O trabalho reflexivo com essas idéias permite aos leitores o reconhecimento e a desconstrução histórica de alguns comportamentos e práticas formuladas ao longo dos últimos séculos e que se tornaram ingredientes centrais na relação entre europeus e africanos no decorrer do período colonial na África. De

alguma forma, elas ainda podem ser encontradas, com novas roupagens, em meio às relações sociais cotidianas na Europa, na África ou nas Américas. Os casos de racismo, as discriminações das mais diversas ordens e a existência de posturas xenófobas em várias partes dos espaços citados evidenciam tal questão.

No caso do livro *Nova História Crítica, 7ª série*, o autor apresenta aos seus leitores a ideia de que três grandes postulados alimentaram, em termos teóricos ou científicos, a ação colonial no continente africano: “estamos falando do etnocentrismo, do racismo e do darwinismo social” (SCHMIDT, 2002, p. 242).

Argumentos parecidos podem ser encontrados também no manual de Elio Bonifazi e Umberto Dellamonica, *Descobrendo a História, 8ª série*, que destaca que um dos alicerces ideológicos do imperialismo baseou-se nas teses racistas da superioridade do homem europeu perante o africano.

Grande parte das populações dos países ricos compartilhava ainda o preconceito da superioridade sobre os outros povos. Era opinião comum entre a população dos países industrializados que os povos dominados constituíam-se em *raças inferiores*, por natureza incapazes de utilizar seus próprios recursos naturais; e que eles, *povos superiores*, tinham o direito e o dever de explorá-los em benefício de toda a humanidade. (BONIFAZI; DELLAMONICA, 2002, p. 213)

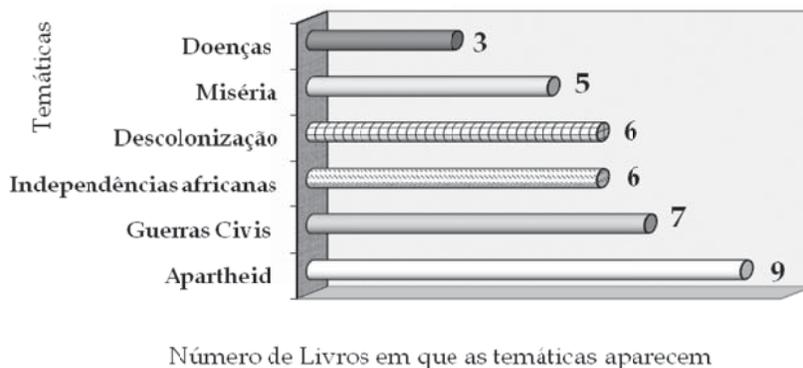
Percebemos, dessa forma, que o tratamento concedido ao Imperialismo e as suas conseqüências, mesmo que apresentando aspectos adequados e em sintonia com parte da historiografia africanista, apresenta no quadro geral uma condição ainda insatisfatória para o exercício de reconstrução das imagens que circulam sobre a África e os africanos.

A FALÊNCIA DE UM MUNDO: A ÁFRICA NAS ÚLTIMAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Em relação ao tratamento do período que se estende das independências africanas aos dias atuais, vamos encontrar um quadro de imagens e ideias nada favorável a uma revisão crítica e equilibrada das referências imagéticas que circulam sobre a África no imaginário brasileiro. No caso da análise desse tópico, procuramos, inicialmente, focar o espaço concedido aos processos que levaram à desconstrução do sistema colonial no continente, buscando perceber se a ênfase recaiu sobre os movimentos africanos de independência ou se o papel de protagonista foi transferido para as

potências europeias. Já sobre o recorte temporal que, se estende do final do processo das independências africanas e chega aos nossos dias, intentamos identificar quais foram as notícias e imagens mais veiculadas pelos manuais e organizá-las em algumas categorias mais abrangentes, a partir dos eventos mais abordados.

Gráfico 1: A África nas últimas décadas. Temáticas tratadas pelos livros



De uma forma geral, encontramos nos livros didáticos uma concentração convergente dos assuntos enfocados. Tal aproximação temática nos permitiu a construção de categorias nas quais os conteúdos apresentados pelos textos analisados foram classificados. Dos dez livros elencados para o estudo, nove trabalhavam a questão do *Apartheid*, sete noticiavam as *guerras civis*, *conflitos interétnicos e massacres (genocídios)* ocorridos pelo continente, cinco apresentavam a África aos leitores como um continente de *misérias e fome* e outros três destacavam também as *epidemias e doenças* que se alastravam por vários países da região.

Parece-nos acertada a perspectiva de que os problemas enfrentados pelo continente sejam alvos da abordagem dos autores dos livros escolares. O incômodo, ou o procedimento inadequado, está em reduzir o enfoque concedido à História da África nas últimas décadas a essas referências, como se elas sintetizassem todas as realidades e características históricas de seus países. Os problemas existem e devem ser noticiados, mas as sociedades africanas não se resumem a eles, existem outras faces da história africana que poderiam ser abordados, conjuntamente aos grandes dilemas que varrem o continente (FAGE, 1995, p. 513-551). Mais do que isso, ao apresentar aos

leitores as grandes querelas e as tragédias que ocorrem de tempos em tempos na África, seria preciso um cuidado muito maior ao explicitar suas causas, agentes participantes e especificidades (MBEMBE, 2001, p. 171-209). Em termos panorâmicos podemos afirmar que os manuais escolares analisados, com algumas exceções, acabam por reforçar as mais recorrentes imagens presentes no imaginário coletivo brasileiro contemporâneo sobre a África, confundindo o continente e suas populações às imagens anteriormente citadas.

Acerca das independências africanas vamos encontrar um equilíbrio das análises. A maioria dos manuais (60%) enfatiza dois elementos centrais como teses explicativas sobre o processo que culminou com a libertação dos países africanos: os movimentos de luta organizados pelos africanos e o contexto histórico formado pela perda de poder político e econômico das ex-potências coloniais e pela nova ordem mundial do período Pós-Segunda Guerra (FAGE, 1995, p. 481-512).

O emprego de termos carregados de significados explicativos também encontra uma distribuição equitativa. Em seis manuais o processo é descrito como “Descolonização”, o que aproxima os eventos da esfera de influência europeia, e, também em seis livros (em cinco os termos são coincidentes), aparece o termo “independências africanas”, que aproxima o fenômeno da esfera de influência africana. Em alguns textos, como no de Mário Schmidt, *Nova história Crítica, 8ª série*, esses elementos são apresentados, de fato, como co-participantes e em condição de igual importância para a libertação dos países africanos. Para o autor, a Europa “[...] não tinha condições de controlar suas colônias” e “os povos coloniais, então, souberam se aproveitar da fraqueza europeia naquele momento para conquistar sua independência” (SCHMIDT, 2002a, p. 185).

Em outros manuais, como no de Elio Bonifazi e Umberto Dellamonica, o destaque é concedido apenas a um dos fatores – no caso, quase sempre a perda de poder por parte dos países europeus –, apontado como mais importante do que o outro (BONIFAZI; DELLAMONICA, 2002, p. 368-369). Já no livro de Nelson Piletti e Claudino Piletti, *História & Vida Integrada, 8ª série*, os autores delineiam justamente os três aspectos acima citados como um conjunto equilibrado de fatores causadores das independências no continente:

[...] o enfraquecimento dos países europeus devido à Segunda Guerra Mundial; a própria luta de libertação dos povos colonizados; e o interesse dos Estados Unidos e da União Soviética em expandir suas áreas de influência. (PILETTI; PILETTI, 2002a, p. 99)

O elemento temático de maior recorrência nos manuais é sem sombra de dúvidas o *Apartheid* sul-africano que, também, é um dos ingredientes mais frequentados pelo imaginário brasileiro contemporâneo quando o assunto é a África. Ele aparece em 90% dos livros observados. De certa forma, consideramos a abordagem do tema quase sempre acertada e adequada aos estudantes do ensino fundamental, concedendo a eles um instrumental mínimo para o entendimento da situação vivida durante o período de vigência do regime racista naquele país.

Os negros não podiam ser proprietários de terras e eram obrigados a viver em bairros próprios, separados dos brancos. Não podiam votar e não podiam casar-se com pessoas brancas. A esse regime dava-se o nome de *apartheid*, que quer dizer separação. (BONIFAZI; DELLAMONICA, 2002, p. 370)

O último tópico enfocado, e um dos mais próximos de algumas ideias que circulam no senso comum sobre o continente, refere-se à descrição da atual situação dos países africanos. Neste caso, a perspectiva transmitida pelos autores é, com poucas exceções, realizada sem nenhum aporte crítico, transformando o conteúdo dos textos em meras notícias de certas realidades ali vivenciadas, muitas vezes estigmatizadas. Novamente, alertamos que o equívoco não se encontra em trabalhar o tema. Ele deve ser apresentado aos estudantes, pois sinaliza para algumas de suas faces históricas contemporâneas.

O problema está em sintetizar nele a história africana, como se não houvesse outras realidades a retratar e como se as sociedades do continente só pudessem ser visualizadas a partir dessas imagens. E, mais do que isso, os assuntos enfocados não podem ser tratados sem suas especificidades e ritmos próprios, pois, quando isso ocorre, a mensagem transmitida é a de que em toda a África os eventos ocorrem da mesma forma. Em sete dos dez manuais as guerras civis são mencionadas como uma dessas faces mais marcantes da África; já em cinco, ocorre a referência à situação de miséria vivenciada por milhões de africanos, e, por fim, em outros três, a associação é feita com as doenças e epidemias.

No manual de Nelson e Claudino Piletti, a referência mais explícita às faces contemporâneas da África é a referência à epidemia de Aids que se alastra por várias partes do continente. Segundo os autores, a “Aids é um fenômeno mundial. [...] Mas é na África, onde provavelmente a doença se originou, que se constata os casos mais graves.” Por fim, acrescentam

que, “naquele continente vivem 70% dos portadores do HIV” (PILETTI; PILETTI, 2002a, p. 217).

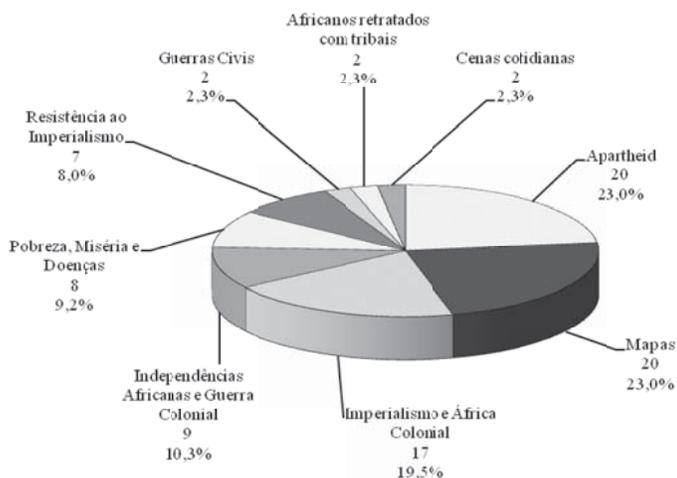
No manual de Flávio de Campos, Lídia Aguilar, Regina Claro e Renan Garcia Miranda, a idéia apresentada é a de que “no século XXI a África é marcada pela miséria, por guerras e epidemias. Com raras exceções, a situação [...] é trágica” (CAMPOS et al, 2002, p. 181). Por fim, no livro de Elio Bonafazi e Umberto Dellamonica, além de apresentar um quadro dramático, os autores, de forma bastante adequada, não percebida em outros textos, sinalizam para algumas perspectivas e caminhos alternativos para a solução dos grandes dilemas africanos.

A África é o continente mais pobre do planeta. Na área subsaariana se concentram as mais altas taxas de mortalidade, as piores condições higiênico-sanitárias e as rendas mais baixas da Terra. Numerosas regiões do continente ainda são perturbadas por conflitos étnicos, que determinam uma permanente instabilidade política. [...] O panorama pessimista do continente africano, todavia, apresenta alguns elementos positivos. Por exemplo, a progressiva democratização da África do Sul tem feito deste país um ponto de referência para toda a área meridional do continente. Um forte crescimento dos investimentos provenientes dos mercados financeiros mundiais está, ademais, alimentando a economia de diversos Estados africanos. (BONIFAZI; DELLAMONICA, 2002, p. 372-373)

AS IMAGENS VEICULADAS NOS MANUAIS ESCOLARES

No campo das imagens veiculadas encontramos um quadro em sintonia com as temáticas mais enfocadas pelos manuais, prevalecendo a construção de um cenário negativo sobre o continente e suas sociedades. Das 87 figuras localizadas nos dez livros, a maioria retratava a África a partir das seguintes perspectivas temáticas: “*Apartheid*” – 20 imagens (23%); “Imperialismo e África Colonial” – 17 imagens (19,5%); “Pobreza, Miséria e Doenças” – 8 imagens (9,2%); “Guerras Civis” – 2 imagens (2,3%); “Africanos retratados como tribais” – 2 imagens (2,3%). Já as imagens retratando os africanos em situações cotidianas, 2 (2,3%); em cenas que retratam as “resistências ao imperialismo”, 7 (8%); ou as “independências africanas”, 9 (10,3%), representaram, ao todo, e sem contabilizarmos os mapas (20), cerca de 20% das imagens.

Gráfico 2: As imagens da África nos livros didáticos



Ou seja, excluindo os mapas (23% das imagens) – com representações sobre o domínio colonial, a partilha africana e a África contemporânea –, as iconografias com algum enfoque de carga negativa somaram cerca de 70% das representações imagéticas veiculadas.

ALGUMAS REFLEXÕES

Comecei o artigo comentando que os últimos cinco anos foram marcados por um intenso debate em torno da construção de caminhos para a aplicação da lei 10639/03. Lembro-me que, na época da entrada em vigor da lei, muitos especialistas alertaram que uma de suas mais fortes repercussões seria justamente o fato de que a obrigatoriedade de se ensinar a história africana em nossos bancos escolares revelaria o descaso que até então envolvia o tema, apesar das sempre positivas exceções. Concordo com eles.

Esse descaso, somado a multissecular herança sobre as imagens geradas e circulantes sobre a África e os africanos nos cenários mentais brasileiros – quase sempre depreciativas –, espelha o mais divulgado conjunto de representações sobre aquele continente e suas gentes. Sendo assim, parece-me ser necessária uma breve e intensa revisão dos conteúdos trabalhados pelos manuais didáticos analisados. Apesar das positivas experiências, a maioria dos textos parece reprisar os velhos cenários fabricados e, portanto, parece seguir rumos distintos dos indicados pela lei e por nossos especialistas.

LOOKS ON AFRICA: THE APPROACHES OF THE CONTEMPORARY HISTORY OF AFRICA IN BRAZILIAN SCHOOLBOOKS

ABSTRACT: The treatment given to history of Contemporary Africa in textbooks of 5th to 8th grade is the main subject of this article. The focus elected and the issues raised are articulated around a central consideration: how the texts, images and interpretations made by school books diverge or converge in relation to the so-called imaginary Brazilian built on Africa and the Africans. As a general framework it is a superficial analysis of the recent trajectories of the countries in African societies in a repeat of representations and stereotypes disclosed on the continent.

KEY WORDS: History of Contemporary Africa; textbooks; teaching of African history.

NOTAS

- 1 Este texto é parte do sexto capítulo de minha tese de doutorado: OLIVA, Anderson Ribeiro. *Lições sobre a África: diálogos entre as representações dos africanos no imaginário Ocidental e o ensino da História da África no Mundo Atlântico (1990-2005)*. 2007. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2007. O trabalho recebeu apoio financeiro da Capes.
- 2 O conceito de africanista esteve envolvido na polêmica sobre os estudos coloniais ou pós-coloniais realizados sobre o continente. No caso aqui empregado, não ignorando o debate, reservamo-nos ao sentido comumente concedido ao termo: especialista em estudos africanos.
- 3 Acerca da questão, ver, entre outros autores, as seguintes referências: VILLALTA, Luiz Carlos. O livro didático de história no Brasil: perspectivas de abordagem. *Pós-História*. Assis, (Unesp), (9), p. 39-59, 2001; BITTENCOURT, Circe. Livros Didáticos entre Textos e Imagens. In: *O Saber Histórico na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 69-90; MACEDO, José Rivair. História e livro didático: o ponto de vista do autor. In: GUZZELLO, Cezar Augusto Barcellos, et al. *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: EDUFRG, 2000. p. 289-301; MUNAKATA, Kazumi. História que os Livros Didáticos contam, depois que acabou a Ditadura no Brasil. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo, Contexto, 2001. p. 271-298.
- 4 O debate acerca dos sentidos e usos do conceito de *imaginário* é extenso e extremamente rico. No entanto, em poucos casos encontramos uma definição, ao

mesmo tempo tão sintética e envolvente, como a apresentada pela historiadora Sandra Jatahy Pesavento. Segundo Pesavento o “imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade. Mas imagens e discursos sobre o real não são exatamente o real ou, em outras palavras, não são expressões literais da realidade, como um fiel espelho. [...] Enquanto representação do real, o imaginário é sempre referência a um “outro” ausente. O imaginário enuncia, se reporta e evoca outra coisa não explícita e não presente” (1995, p. 15).

- 5 De uma forma geral poderíamos assim definir esses recortes: *História Integrada* – os volumes da coleção abordam as histórias do Brasil e Geral de forma articulada temporalmente, numa seqüência cronológica que relaciona as histórias de várias civilizações, sociedades ou contextos históricos contemporâneos entre si; *História Temática* – livros com os assuntos organizados por temas específicos, seguindo um viés temporal ou temático.
- 6 Acerca da questão, ver os seguintes trabalhos: HENRIQUES, Isabel Castro. *Os pilares da diferença: relações Portugal-África, séculos XV-XIX*. Lisboa: Caleidoscópio, 2004; ZAMPARONI, Valdemir. *De escravo a cozinheiro: colonialismo e racismo em Moçambique*. Salvador: Edufba, 2007.
- 7 Acerca do assunto, ver: UZOIGWE, Godfrey N. Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral. In: BOAHEN, A. Adu. (Org). *História Geral da África VII*. São Paulo: Ática; Unesco, 1991. p. 43-67; RANGER, Terence. Iniciativas e resistências africanas em face da partilha e da conquista. In: BOAHEN, A. Adu. (Org). *História Geral da África VII*. São Paulo: Ática; Unesco, 1991. p. 59-86; M'BOKOLO, Elikia. África central: o tempo dos massacres. In: FERRO, Marc (org.). *O livro negro do colonialismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 502-521.
- 8 Para percepção diferenciada ver o trabalho do historiador Wolfgang Döpcke, citado nas referências bibliográficas.

REFERÊNCIAS

- BOAHEN, A. Adu. O colonialismo na África: impacto e significação. In BOAHEN, A. Adu (Org). *História Geral da África VII*. São Paulo: Ática; Unesco, p. 787-811, 1991.
- CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. Aspectos políticos e econômicos da circulação do livro didático de História e suas implicações curriculares. *História*. São Paulo, n. 23, 1-2, 2004.
- DÖPCKE, Wolfgang. A vinda longa das linhas retas: cinco mitos sobre as fronteiras na África Negra. *Revista Brasileira de Política Internacional*. Brasília, n. 42 (1), p. 77-109, 1999.

- FAGE, John D. *História da África*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- HENRIQUES, Isabel Castro. *Território e Identidade: o desmantelamento da terra africana e a construção da Angola Colonial (1872-1926)*. Lisboa: FLUL, 2003. Mimeo.
- HERNANDEZ, Leila Leite. Os movimentos de resistência na África. *Revista de História*. São Paulo, USP, n. 141, p. 141-149, 1999.
- LOPES, Carlos. Enough is Enough! For an alternative diagnosis of the African crisis. *África*, Revista do Centro de Estudos Africanos da USP. São Paulo, nº 18-19, 1, p. 69-101, 1995-1996.
- MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. *Revista Estudos Afro-Asiáticos*. Rio de Janeiro, ano 23, n. 1, p. 171-209, 2001.
- MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. África: fatores internos e externos da crise. *Revista da USP*. São Paulo, v. 18, p. 60-69, 1993.
- MUNANGA, Kabengele. África: trinta anos de processo de independência. *Revista da USP*. São Paulo, n. 18, p. 102-111, fev-ago 1993.
- OLIVA, Anderson Ribeiro. *Lições sobre a África: diálogos entre as representações dos africanos no imaginário Ocidental e o ensino da História da África no Mundo Atlântico (1990-2005)*. 2007. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília: Brasília, 2007.
- OLIVA, Anderson Ribeiro. A história africana nos cursos de formação de professores: panorama, perspectivas e experiências. *Estudos Afro-Asiáticos*. Rio de Janeiro, v. 28, números 1/2/3, p. 187-219, 2006.
- OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos Bancos Escolares: representações e imprecisões na literatura didática. *Estudos Afro-Asiáticos*. Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, set./dez, p. 421-462, 2003.
- PANTOJA, Selma (org.). *Entre Áfricas e Brasis*. Brasília: Paralelo 15, 2001.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.
- RANGER, Terence. Iniciativas e resistências africanas em face da partilha e da conquista. In: BOAHEN, A. Adu. (org). *História Geral da África VII*. São Paulo: Ática; Unesco, 1991. p. 59-86.
- UZOIGWE, Godfrey N. Partilha européia e conquista da África: apanhado geral. In: BOAHEN, A. Adu. (org). *História Geral da África VII*. São Paulo: Ática; Unesco, 1991. ZAMPARONI, Valdemir. A África, os africanos e a identidade brasileira. In: PANTOJA, Selma e ROCHA, Maria José (orgs.). *Rompendo Silêncios: História da África nos currículos da educação básica*. Brasília: DP Comunicações, 2004.
- ZAMPARONI, Valdemir. *De escravo a cozinheiro: colonialismo e racismo em Moçambique*. Salvador: Edufba, 2007.

LIVROS DIDÁTICOS

BONIFAZI, Elio; DELLAMONICA, Umberto. *Descobrimdo a História: Idade Moderna e Contemporânea*, 8ª série. São Paulo: Ática, 2002.

CAMPOS, Flavio de; et al. *O jogo da História: de Corpo na América e de Alma na África*. São Paulo: Moderna, 2002.

MACEDO, José Rivair; OLIVEIRA, Mariley W. *Uma história em construção*, vol. 4. São Paulo: Editora do Brasil, 1999.

MONTELLATO, Andrea; CABRINI, Conceição; CATELLI, Roberto. *História Temática: Diversidade Cultural*, 6ª série. São Paulo: Scipione, 2000.

MONTELLATO, Andrea; CABRINI, Conceição; CATELLI, Roberto. *História Temática: O Mundo dos Cidadãos*, 8ª série. São Paulo: Scipione, 2000.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. *História e Vida Integrada*, 7ª série. São Paulo: Ática, 2002.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. *História e Vida Integrada*, 8ª série. São Paulo: Ática, 2002a.

RODRIGUE, Joelza Éster. *História em Documento: Imagem e Texto*, 8ª. São Paulo: FTD, 2000.

SCHMIDT, Mario. *Nova História Crítica*, 7ª série. São Paulo: Nova Geração, 2002.

SCHMIDT, Mario. *Nova História Crítica*, 8ª série. São Paulo: Nova Geração, 2002a.